

# SER E DEIXAR SER<sup>1</sup>

Maria Inês AUBERT<sup>2</sup>

---

## RESUMO

O texto marca a necessidade da mãe devotada comum ser ela mesma, no encontro com o bebê, propiciando que este possa desenvolver suas potencialidades e seu jeito de ser, a seu modo, e no devido tempo possa experimentar a religiosidade, indo em busca do Sagrado e da idéia do Divino. Aponta, também, a necessidade do encontro terapeuta-paciente estar fundado em *ser e deixar ser* para que este possa constituir-se como pessoa, buscando a potência de ser. Faço referência a uma caso clínico e teço algumas considerações para esclarecer melhor a abordagem adotada.

PALAVRAS-CHAVE: Ser, *self*, encontro.

---

Diz o poeta:

Não! Não cabe a ti abrir os botões e fazê-los desabrochar! Podes balançar o botão e até bater nele [...] Está além do teu poder fazê-lo florescer! O teu toque apenas mancha e rasga as suas pétalas, fazendo-as cair em pedaços no chão. E então nenhuma cor se revela, e nenhum perfume se faz sentir.

---

<sup>1</sup> Esse texto faz parte da Tese de Doutorado que está sendo desenvolvida em Psicologia Clínica na PUC-São Paulo, sob a orientação do Prof.Dr. Gilberto Safra, com o apoio da FAPESP.

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC. Rua Apinagés, n.902, Apto.32, CEP. 05017-000, São Paulo-SP, e-mail: aubertmi@ig.com.br

Sim, não cabe a ti abrir o botão e fazê-lo desabrochar [...]

Aquele que pode abrir o botão realiza a sua tarefa de modo tão simples! Ele olha-o de relance, e a seiva da vida corre-lhe nas veias; ao seu sopro a flor abre as suas asas e esvoaça ao sabor do vento; e então as cores despontam na flor como anseios do coração, e o seu perfume trai um suave segredo.

Aquele que pode abrir o botão realiza a sua tarefa de modo tão simples! (TAGORE, 1991, p.18).

O poeta nos diz, num primeiro nível, que é somente a maneira simples e espontânea – o olhar, o sopro – que pode fazer abrir o botão, sendo este modo baseado no respeito pelo processo de desabrochamento, sem o qual, as cores e o perfume da flor jamais despontariam e as pétalas se rasgariam. Num segundo nível, desperta reflexões sobre o desabrochar da vida e o mistério que isso implica, levando-me a meditar sobre a atitude que se deve ter frente ao desenvolvimento e o amadurecimento do ser, pois na natureza humana ocorre algo semelhante ao que se passa com as flores: para que a pessoa *desabroche* como um ser humano e todas suas potencialidades possam se realizar, vários cuidados devem ser tomados. A pessoa que acompanha com o olhar, com o sopro, cuidando para que o botão possa abrir é, a princípio (nos primórdios do processo maturacional) a mãe, e o botão, o bebê. Há um desenvolvimento e um acontecimento em cada etapa da vida que pedem acolhimento, presença humana, olhar de devoção diante da beleza e do colorido que irão despontar para que *a cor*, isto é, um estilo de vida, um jeito singular de ser se revele – e então o *perfume*, isto é, o segredo, o mistério da vida de cada um se faça sentir. Para que o botão se abra é preciso ser e deixar ser.

Em termos de constituição do ser humano sabemos que o processo maturacional e a evolução do *self* são grandiosos e importantes, mas ainda assim, permanece a idéia de que tudo deve se conduzir de modo bem simples (como diz o poeta) e como Winnicott afirma:

De minha parte, dou-me por satisfeito em usar o verbo *segurar*<sup>3</sup> e ampliar o seu significado para que possa abranger tudo aquilo que, nesta ocasião, uma mãe é e faz [...] É nesse ponto que ela não pode aprender nada nos livros [...] nesse momento em que sente se o bebê precisa ser tomado nos braços ou colocado sobre uma superfície qualquer, se deixado a sós ou mudado de posição, ou em que sabe que **o essencial constitui a mais simples de todas as experiências**, a que se baseia no contato sem atividade e que cria as condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas, que de fato são duas, e não apenas uma (WINNICOTT, 1996, p.4-5, grifo nosso)

Há nessa citação, duas falas: “[...] tudo aquilo que, nessa ocasião, uma mãe é e faz [...]” e “[...] de fato são duas, e não apenas uma [...]”, que nos remetem ao sentido de *ser e deixar ser*.

Ser e deixar ser marcam um encontro do bebê e sua mãe – o bebê *criando* os objetos que lhe são necessários para que possa desenvolver suas características singulares, na experiência intersubjetiva com sua mãe, a mãe devotada comum (WINNICOTT, 1988b). Diz Safra:

É o estado devotado da mãe frente ao seu bebê que possibilita este acontecimento. Neste estado psíquico, a mãe olha o seu bebê como *ser*, como a pessoa que ele é e será ao longo do tempo. Observa-se que ela se organiza segundo as características de sua criança, principalmente, através de sua adaptação ao ritmo biológico do bebê. O gesto do bebê nasce de suas tensões instintivas e cria a mãe que ele necessita encontrar. Este primeiro momento do encontro do bebê com sua mãe devotada comum inscreve na vida psíquica da criança uma experiência estética de encanto, surgindo a vivência de ilusão. A mãe se fez à imagem e semelhança de seu bebê (SAFRA, 1998, p.5, grifo do autor).

É importante salientar que *devotada* (ou *devoção*), palavra frequentemente usada por Winnicott (1988a, 1988b), assinala de acordo com Safra, “[...] o sentido de sacralidade que a mãe dá ao encontro com

---

<sup>3</sup> Tem-se usado, habitualmente, o verbo em inglês, *holding*, ao invés da tradução *segurar*.

seu filho” (SAFRA, 1998, p.4). Vemos, assim, como as primeiras experiências vividas nesse encontro são importantes para a constituição do *self* da criança, fornecendo, “[...] a matriz para a vivência do sagrado” (SAFRA, 1998, p.12).

Acolher, aguardar, deixar ser, são elementos decisivos nas etapas iniciais do processo maturacional para que a criança possa passar para estágios mais avançados, atingindo, no devido tempo, a idéia do Divino. Winnicott aponta:

No que concerne à religião e à idéia de um deus, há claramente os extremos daqueles que ignoram que a criança tem a capacidade de criar um deus e por isso tratam de implantar a idéia o mais cedo possível, e daqueles que aguardam e observam os resultados de seus esforços para satisfazer as necessidades de seu bebê em desenvolvimento. Estes últimos, tornarão conhecidos à criança os deuses da família quando a criança tiver atingido o estágio apropriado para sua aceitação (WINNICOTT, 1990, p.94).

*Aguardar* significa estar de acordo com o tempo maturacional, entendido aqui, como tempo peculiar de cada um, significando ainda, esperar pelo *estágio apropriado* para a criança poder experimentar a religiosidade; no entanto, para que isso aconteça, é necessário ainda, desenvolver a confiabilidade e a *crença em*. Winnicott afirma que se deve propiciar “[...] aquelas condições que possibilitem a coisas como confiança e ‘crença em’, e idéias de certo e errado, se desenvolverem da elaboração dos processos internos da criança” (WINNICOTT, 1990, p.89). Propiciar *aquelas condições* como menciona Winnicott, equivale a dizer que a criança foi suficientemente bem cuidada, que “cresceu a seu modo” (WINNICOTT, 1990, p.92) com gradação contínua do processo maturacional, tendo experienciado adequadamente as vivências dos estágios anteriores, resultando a crença na confiabilidade. “Numa criança que iniciou a vida deste modo, a idéia de bondade e de um pai pessoal e confiável ou Deus, pode se seguir naturalmente” (WINNICOTT, 1990, p.92).

Por outro lado, à criança que não teve experiências suficientemente boas nos estágios iniciais, que não foi bem sucedida em seu

processo maturacional, “[...] não se pode sugerir a idéia de um Deus pessoal como substituto de cuidado do lactente” (WINNICOTT, 1990, p.92). Isso é devido ao fato da criança reagir, percebendo e registrando cada falha na confiabilidade, podendo, cada reação à não confiabilidade, ser um trauma, uma interrupção no *vir-a-ser* que acabará por impedir a criança de evoluir de forma pessoal dentro do processo maturacional, dificultando a integração de sua personalidade. Para aqueles que não tiveram a experiência de seres humanos, pessoas humanizadas, a idéia de um Deus pessoal não é válida. Falha na confiabilidade origina falha na integração e impossibilidade de transformação do *self*. Como este se instaura por ciclos, é possível que muitos elementos desses ciclos (ou alguns ciclos mesmos) fiquem sem evoluir ou sem se simbolizarem. Isso equivale a dizer que não se instaura a maneira singular de cada um e o ser humano fica privado da experiência criativa do viver, não podendo também, realizar de modo singular, a *vivência do sentimento religioso*, que é sua forma pessoal de ligação com Deus e um sentimento de reverência frente ao Outro Absoluto bem como uma tentativa de busca do Sagrado e a própria *vivência do Sagrado* onde “[...] o indivíduo pressente o Ser e vive uma transformação em seu self” (SAFRA, 1998, p.7). Não havendo transformações no *self*, cria-se um abismo entre o indivíduo e o ser. Transpor esse abismo só será possível, se mediado por um encontro com outro ser humano, abrindo possibilidades para a busca do Sagrado que “[...] está saturado de ser” (ELIADE, 1996, p.8). O Sagrado é, então, “[...] o momento onde ocorre um tipo de experiência onde o abismo é superado e o Divino se presentifica”<sup>4</sup> (SAFRA informação verbal).

Essa busca de ser pode ser vista e acompanhada na prática clínica, estando o encontro terapeuta-paciente fundado em *ser e deixar ser*. Do mesmo modo que Winnicott (1988b) se refere à *a mãe devotada comum*, Ella Sharpe se refere ao analista como um ser humano comum: “Dizer que o analista terá ainda complexos, pontos cegos, limitações, é apenas dizer que ele permanece sendo um ser humano

---

<sup>4</sup> De acordo com concepções apresentadas pelo Prof.Dr. Gilberto Safra no curso “O Sagrado”, na PUC-São Paulo, no primeiro semestre de 1996.

e quando deixa de ser um ser humano comum, deixa de ser um bom analista” (KOHON, 1994, p.55).

Isso equivale a dizer que a relação paciente-terapeuta é em primeiro lugar, um encontro entre dois seres humanos. Nossa prática clínica tem mostrado que cada vez mais pessoas chegam à terapia não se sentindo vivas de fato, não se sentindo reais ou *lutando para sobreviver* e devido a isso, não podem estar com o outro. Porém, chegam buscando um encontro que promova alguma abertura para a possibilidade de existir. Um exemplo disso, é o caso de uma garota de dez anos que vem à terapia porque a escola se queixa de seu rendimento escolar. A mãe relata um fato preocupante: há algumas semanas atrás, a empregada viu a menina com a mochila pronta para ir *embora de casa*. Alguns testes são aplicados, indicando atenção concentrada e memória auditiva rebaixadas; o desenho da família é feito, porém ela o emoldura todo, dizendo que é o retrato da família, não a família mesmo. Faz um cenário na areia (com miniaturas) contando a história de um lugar em que não há pessoas, há somente animais que se dão muito bem e são guardiões das pedras preciosas numa ilha (pedras brilhantes que ela enterra na areia, dizendo que vai *deixar aparecer umas*). Nas sessões seguintes, parece não se interessar por mais nada moldando simplesmente a areia e desmanchando. Em outra sessão, faz uma alta montanha, colocando num buraco, no topo, um pequeno passarinho. O cenário todo é desolador – conta que é o castelo dos passarinhos, numa ilha no meio do mar, que nunca foi descoberta pelo homem. Depois conta que viu seu avô materno morto (há mais de um ano atrás), que ela sente muita falta dele, que ele era uma pessoa muito boa e ela pensou que não ia *sobreviver* à morte dele e que até agora pensa se vai resistir pois ele era tudo para ela. Juntos, eles criavam muitas coisas, brincavam muito – diz que não vai conseguir superar isso e que a mãe havia se recuperado, mas ela não sabe como. Digo que sinto muito, e que penso o quanto deve ter sido bom para ela conviver com alguém com quem podia brincar e criar coisas. Na sessão seguinte fala novamente do avô dizendo que o amava muito (pergunta se é amava ou ama), mas que em primeiro lugar ama Jesus, depois as pessoas da família; molda na

areia uma montanha dizendo que ela é muito velha, começa a tremer e racha inteirinha; desenha ainda, um *manequim de cera* onde se expõem jóias. Na outra sessão coloca simplesmente um poste na areia, dizendo que o mundo havia acabado e só restara um poste. Depois disso, passa o resto do tempo e as sessões seguintes escondendo um minúsculo objeto na areia e tentando encontrá-lo, pedindo que eu a acompanhasse e marcasse o tempo que ela demoraria. Desenha também uma ampulheta escrevendo embaixo *aula sobre o tempo*, assinando o nome dela e colocando meu nome ao lado do dela. Em uma das sessões não consegue achar o objeto escondido, ficando por dezesseis minutos à procura dele, agitada e angustiada. Ao encontrá-lo, respira aliviada, dizendo que quando se perde algo, *fica-se agoniada*; pergunta se eu havia percebido que ela passara as últimas sessões *escondendo e procurando*. Digo que sim e que é muito sofrido procurar e não encontrar algo ou não ser encontrada. Ela molda, então, a areia fazendo em toda a dimensão uma elevação, circular, dizendo que era marca da pata do dinossauro. Comento que os animais deixam suas marcas, mas que especialmente as pessoas querem deixar uma marca de sua passagem pela vida. Depois disso, vai à lousa, escreve, apaga, escreve, apaga e eu aponto que assim ela não iria deixar *marca* alguma da passagem dela por ali. Desenha um arco-íris (só com giz branco) e digo que é uma pena não ter giz colorido para lhe oferecer e que mais pena ainda é que o desenho vai ser apagado. Abre um sorriso, pega papel e giz de cera, faz um arco-íris (colorido), dedicando-o a mim. Vai embora alegre. Na sessão seguinte faz o desenho de uma mulher dando-lhe um nome composto (sendo o primeiro nome da avó materna e o segundo, o da mãe) e o desenho de um homem com óculos, com um nome composto também, sendo o primeiro o do pai e o segundo o do avô materno (falecido). Aponta a figura masculina e diz que agora está *misturado*. Depois disso, pede-me que eu brinque com ela, que façamos um jogo juntas – depois disso fizemos muitos jogos – sendo que esse primeiro consistia em ver quem movimentava mais rápido o lápis, usando só o dedo indicador, dando impulsos de modo a conseguir traços mais longos e poder assim, subir mais,

indo em direção ao alto da página. Sua alegria é constante e vejo que ela *sobreviveu* e agora pode *viver* – isso ocorreu porque houve um encontro entre duas pessoas. Além disso, enquanto eu acompanhava a sua busca, fizemos uma parceria no desenho do tempo, foi propiciado que ela *criasse* lugares na sala (três lugares: a lousa num canto, a caixa de areia no outro e a mesa para desenhar e jogar no meio), marquei minha presença e solicitei a dela. Penso que ela havia perdido a pessoa que fazia seu ser reverberar; nossos encontros apontaram esse ser minúsculo (como a pequena peça) que, felizmente, pôde ser encontrada – a partir daí, a menina descobriu o pai (ele viera buscá-la uma vez e parecia surpreso ao vê-la se jogando sobre ele, dando-lhe abraços e beijos, sentando em seu colo), ou melhor, *criou* esse pai e podia agora, pôr-se em marcha, em busca de seu devir. Refletindo sobre esse caso, indaguei como podia a garota ter um bom desempenho escolar, se a questão primordial na qual ela se debruçava era a vida, o sobreviver, era o ser. Em função dessa reflexão, teço algumas considerações sobre nossa prática clínica:

1– tradicionalmente, tem-se trabalhado na clínica com as possibilidades de adaptação a uma realidade (já existente), lidando-se com as realizações ou frustrações advindas daí, com os símbolos, os conflitos e desejos, entre outros aspectos. No entanto, cada vez mais, o paciente aponta a necessidade de condições que lhe permitam *criar* ou *re-criar* a realidade, para que ele possa entrar nela, podendo, ainda, ter um lugar onde guardar seu estilo de ser (suas pedras preciosas, tal como a menina no caso mencionado), tudo isso lhe possibilitando evoluir e viver sua vida de uma maneira criativa, com transformações em seu *self*. Isso revela a necessidade de uma outra abordagem clínica. Na clínica do *self* essas afirmações tornam-se especialmente verdadeiras, porque transformações só podem ocorrer no encontro de um ser humano com outro ser humano. Aliás, transformações só podem ocorrer a partir de uma existência e de um existente, isto é, de um ser vivo e de uma realidade *criada* por ele;

## Ser e deixar ser

2— cabe ao terapeuta, além de propiciar um ambiente facilitador, ser ele mesmo no acompanhamento do paciente, para que este possa *criar a sua realidade*, possa existir e ter um sentimento de existência “[...] não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição básica a partir da qual operar” (WINNICOTT, 1999, p.23), de modo a constituir-se como pessoa que tem um lugar no mundo; levando-se sempre em consideração que nessa abordagem do *self*, a relação está fundada na possibilidade de ser, e não simplesmente no psíquico, sendo ela, portanto, mais ôntica, que psicológica;

3— se o paciente, ao chegar, relatar a vida como *sem movimento, estancada*, é importante ter em mente que o terapeuta possa apontar os movimentos (por menores que sejam) que aquele faz em direção ao si-mesmo, a novas potencialidades. É preciso ter sempre presente que “[...] o Self jamais se constitui de forma definitiva, ele é sempre processual, é sempre devir; ele caminha em direção ao si-mesmo, em direção a novas possibilidades de existir, até a morte”<sup>5</sup> (SAFRA informação verbal);

4— é de extrema importância que a pessoa possa se sentir real, adquirir um senso de *self* e um senso de ser (isso é *saúde*) — para que a partir do *ser* venha o *fazer*, já que este não pode existir antes do *ser* (WINNICOTT, 1999);

5— uma pessoa necessita estar capacitada a poder viver sua própria vida, sendo que uma vida saudável, para Winnicott (1999) significa viver três tipos de vida: a experiência da vida no mundo, a vida da realidade psíquica pessoal e a experiência cultural (as artes, o pensamento filosófico e os mistérios da matemática, da administração de grupos e da religião), isto é, poder desenvolver-se em várias direções,<sup>6</sup> em toda a sua plenitude;

---

<sup>5</sup> De acordo com concepções do Prof.Dr. Gilberto Safra, em curso sobre “Clínica Winnicottiana” ministrado na PUC-São Paulo, no primeiro semestre de 1999.

<sup>6</sup> Winnicott relata que cresceu na prática religiosa que havia em sua família e que ficou contente por verificar que isso lhe permitiu desenvolver-se em outras direções.

6– é necessário também, que o terapeuta possa acolher relatos e experiências do terceiro tipo de vida, nomeado por Winnicott (1990, 1999) como a “área transicional”, especialmente as vivências que falam da religiosidade e da busca que o paciente faz à procura de seu ser e de um Ser Maior a quem ele reverencia, do sentido que Deus tem em sua vida, bem como dos saberes que o paciente desenvolve sobre Deus e sobre a vida (sua teologia), ciente de que esse acolhimento marca a própria busca de ser de uma pessoa;

7– por último, afirmo a importância de *ser e deixar ser*, resumindo-a na frase: “*Meu ofício consiste em ser eu mesmo*” (WINNICOTT, 1999, p.42, grifo nosso), e retomo a analogia com a fala do poeta sobre a flor, citada no início desse trabalho para concluir que só deste modo o botão floresce, a flor pode despontar com toda a beleza de seu colorido e o mistério de seu perfume se faz sentir.

## BEING AND LET BE

---

### ABSTRACT

The text stresses the need of the common devoted mother to be herself, in meeting the child, enabling it to develop its potentialities and way of being, in its way, and in due time it can experience religiosity, in the quest to the Sacred and of the idea of the Divine. The text also states that the need of the encounter therapist-patient is grounded on the “being and let be” so that it can become a person, in search of the potenciality of being. I refer to a clinical case and expose some reasons so as to better explain this adopted approach.

KEY-WORDS: To be, self, encounter.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KOHON, G. Contratransferência: uma visão independente. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A Escola Britânica de Psicanálise: the middle group – a tradição independente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.40-55.
- SAFRA, G. **Encanto e devoção**. 1998. Texto apresentado na Reunião Anual da ANPEPP, São Paulo. 1998. Não publicado.
- TAGORE, R. **A colheita**. São Paulo: Paulus, 1991.
- WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária. In: \_\_\_\_\_. **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1988a. p.491-498.
- WINNICOTT, D. W. Recordações do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1988b. p.313-339.
- \_\_\_\_\_. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: M.Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Tudo começa em casa**. São Paulo: M.Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.